

# ASPECTOS DA EXISTÊNCIA SITUADA EM HEIDEGGER: LIDA E ARTE COMO LINGUAGENS

## ASPECTS OF SITUATED EXISTENCE IN HEIDEGGER: WORK AND ART AS LANGUAGES

**Welligton Amâncio Silva**

*Universidade do Estado da Bahia*

**Resumo.** O encontro do *Dasein* é, sobretudo prático – que é a linguagem pura de sua apoteótica feição ontológica se realizando, reconhecida como verdade interior no contato com as coisas, num relacionamento instrumental como condição de acesso aos entes. As possibilidades de uma transcrição objetiva da realidade objetiva caracterizada pela linguagem atravessam os percursos heterogêneos da subjetividade, onde o ser busca ser entendido. A linguagem é o projeto. A ação é a efetividade do projeto, como plano que dá sentido à própria linguagem, em suas estruturas elementares, articulado na *interpretação* e no *discurso* como poder de apropriação, constituição e regulação de sentidos.

**Palavras-chave:** Heidegger, Linguagem, Existência, hermenêutica.

**Abstract.** The encounter with the *Dasein* is all practical - which is the pure language of his apotheosis ontological feature being realized, recognized as inner truth in contact with things in an instrumental relationship as a condition of access to entities. The possibilities of an objective transcription of objective reality characterized by heterogeneous paths cross language of subjectivity, where the search is to be understood. The language is the design. The action is the effectiveness of the project as a plan that gives meaning to language itself, in its basic structures, articulated interpretation and discourse as power of appropriation, incorporation and regulation of meanings.

**Keywords:** Heidegger, Language, Existence, hermeneutics.

## INTRODUÇÃO

Nosso primeiro contato com o mundo é intuitivo, tudo o que virá após isso será uma construção intelectual constituída a partir da textualização de essência da *coisa*<sup>1</sup> (αἴσθητόν) no cerne da intuição apreendida. Além dessa intuição, há outra similar - a relação em linguagem com todas as coisas que sabemos.

Entendemos as coisas a partir do que elas são e isso se baseia essencialmente no conceito que construímos sobre o que elas são. É uma generalidade que pomos nos objetos os quais nos deparamos, num processo de apropriação crescente de sentidos – objetivação unilateral. A fenomenologia não está interessada no sentido de existir, mas nos sentidos desse fato, e isso é possível, porque “o λόγος no qual se constitui está sempre em busca (*zurückholen*)” (Tugendhat, 1958, 56; Heinz, 1982, p. 150).

Fenomenologia é de um modo preliminar: “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo [...] de um ente tal como se mostra em si mesmo” (Heidegger, 2001 p.65), a partir daí, é possível afirmar que toda pré-reflexão é uma condição primária do *Dasein*.

Para Heidegger, a “expressão ‘fenomenologia’ pode ser formulada em grego: λεγειν τα φαινομενα; λεγειν significa, porém, αποφαινεσθαι τα αποφαινεσθα. Fenomenologia diz, então, αποφαινεσθαι, fazer ver a partir dele

<sup>1</sup> A coisa é o *aistheton* o perceptível aos sentidos da sensibilidade através das sensações. “Das Ding ist das αἴσθητόν, das in der Sinnen der Sinnlichkeit durch die Empfindungen Vernehmbare”. (Heidegger, 1977, p58)

mesmo o que se demonstração tal como ele por si mesmo se mostra” (Heidegger, 2001 § 7, p. 35), e isso nada mais é senão dar plena verificação ao aforismo: *zu den Sachen selbst!* Assim, o ser que entende a si mesmo em face do mundo não considera qualquer isolamento, isso porque o *Dasein* designa o lugar do fenômeno em importância de sentido, onde sua *presença* (Gumbrecht, 2004) é comunicada na linguagem.

## FINITUDE, CONDIÇÃO E LIDA EM HEIDEGGER

Heidegger parte da co-emergência do sujeito/objeto, da inescapável inter-relação entre ambos, como condição de produção de sentidos e *abertura*<sup>2</sup>, no caso, do artista e da obra de arte *enquanto* co-emergências! Isto, já corresponderia a uma revisão (destruição) da noção de sujeito e de objeto! Mas qual artista garante ser ele mesmo o determinante de sua obra? Todo aquele que concebe para si o mundo a partir de visão criacionista, de teoria do design e similares; e aqui já tendemos para a possibilidade da origem ou surgimento (Heidegger, 1977, p. 7-44).

Acerca do diálogo como possibilidade da linguagem – comunicar é condicionar-se com o *outro dos sentidos* em uma aceitação constante e de permuta protagonista/interlocutor. Logo, o que não está submetido a condições não tem capacidade para condicionar outras coisas – seria a antinomia de um hermetismo em absoluto, (até o monólogo é fruto de um *diálogo com uma*

<sup>2</sup> Ao mundo pertence a abertura do ente enquanto tal, do ente *enquanto* tal. (Heidegger, 1983, §64). Disto, a expressão *enquanto* é condição.

*fonte* que inspira essa reflexão silenciosa do monólogo). E tudo que é condicionado passar a existir, apresenta duração e cessa (muito embora se perceba sua continuidade no outro, como inspiração, influência reprodução, pelo diálogo, dentro do universo de sentidos da linguagem que partilham – aí reside, em essência, seu λόγον ἔχον)! Assim, tudo que é condicionado provém das mesmas condições, portanto a busca de uma origem se depara com a regressão ao infinito, como uma problemática ontológica do tempo (Figal, 2000, p. 235) que só pode ser resolvida pela condição de duração possibilitada/representada na linguagem, como *temporalidade* e horizonte de compreensão ontológica (Heinz, 1982 p. 56); *historicidade* (Guignon, 1983, p. 214).

O condicionamento, no seu aspecto de dependência e finitude, não impede a abertura (*Erschlossenheit*) do Dasein para a existência; Heidegger está aberto ao conceito de infinito desde que ele seja desmitologizado, isto é, que se retire dele o aspecto transcendental do intangível advindo da Metafísica tradicional ao qual ele faz toda uma crítica em *Sein und Zeit*. Portanto, *Ser-no-mundo* (Guignon, 1983, p. 206) significa transcendê-lo na perspectiva de possibilidades, uma delas, a da técnica (τέχνη) que constitui-se como dispositivo de transformação da natureza em cultura, como dimensão de inteligibilidade, portanto, de transcendência do ser.

Infinito em Heidegger (tema desenvolvido admiravelmente por Lévinas) está implícito, como possibilidade de ser-lançando no mundo, no encontro com o *ser-a-mão*, no tato (Heidegger, 2001, p. 90-91; Frank, 1986), na lida, no fazer cotidiano, na *techné*, isto na arte, onde o sujeito sujeita-se (voluntariamente)

ao objeto na condição de objetivá-lo e ambos se completam em inteligibilidade. Nisso, o ἄνθρωπος é um ser *em aberto*.

Heidegger não está preocupado com a finitude e condicionamentos. Aí estende-se a nossa discussão para o tema *ser-para-a-morte* (Heidegger, 2001, p.239) que não cabe aqui. A finitude e condicionamento, duas questões inseparáveis que dão sentido a urgência do Dasein, como “decisão”, “escolha” (*Entschlossenheit*) dos rumos que se quer dar para si em face da angustia kierkegaardiana do mundo em sua finitude e condições, são dois fortes aspectos da lida, do fazer artístico. Como fator ontológico da existência do Dasein a arte é um itinerário de abertura para o *ser-da-vida* como liames de inteligibilidade do ser com os entes em geral.

O ofício da arte é reconhecido por Heidegger (ao fazer inferência em *Sein und Zeit*) pelo que ele chama de lida, como a primeira incursão do *Dasein* no mundo, construindo para si sua própria transcendência das condições de limitação do próprio mundo natural sobre o homem. O fazer artístico é a *práxis* da *alétheia* como primado de todo encontro ontológico possível do ser consigo e com o mundo, no qual está lançado.

## A METAFÍSICA INERENTE DA LINGUAGEM

A onipresença é metafísica. Seu gesto distanciador se efetiva porque sempre está para além do objeto, especificamente a sua frente, em antecipação de sentido por meio da interpretação. Se fossemos postular a partir do *paradigma das totalidades*, que atravessa

horizontalmente a maiorias das bem conhecidas teorias da modernidade observaríamos que diante do grande e antigo dilema sujeito/objeto por meio da linguagem seria uma resultante específica, a saber, a estruturação simbólica do objeto, isto é, da tentativa de representá-lo por meio da linguagem (*linguificação*), disso, teríamos outra coisa aparentemente idêntica, mas essencialmente apenas aparente; nunca uma réplica do mundo dos fatos. Dessa inexatidão<sup>3</sup> necessária nasce à primazia do poético por meio das experiências do mundo de forma simbólica e imaginária (Marques, 2012, p. 30).

A imagem cartesiana do mundo, como representação dos fatos sob uma ordem, seria um dos grandes suportes da interpretação, como se sabe, identificação pela similitude do discurso com o *objeto* do discurso e, num processo anterior – que é a própria imagem sendo estruturada – atribuição de sentidos. A análise é uma simulação de uma posição de afastamento de um aspecto da faticidade estudada (Amâncio, 2014, p. 16).

O afastamento é uma instância metafísica de interpretação, porque ela, como aquilo *para além do físico*, faz reconhecer que a condição da própria análise é se antecipar a faticidade das coisas por afastamento e objetivá-las; visando construir pela linguagem, o sentido que se atribui para elas é o liame entre a consciência e a similitude das coisas analisadas. Metafísica é a Interpretação (*λόγος ερμηνευτικός*), portanto, esse afastamento sempre antecipador de sentidos para as coisas representadas (*λόγος αποφαντικός*).

<sup>3</sup> Tomemos esta expressão como positiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O condicionamento, no seu aspecto de dependência e finitude, como co-emergência dos entes, no sentido do *dasein* em face do *phainomenon*, não impede a abertura (*Erschlossenheit*) do *Dasein* para a existência; Heidegger está aberto ao conceito de infinito desde que ele seja desmitologizado, isto é, que se retire dele o aspecto transcendental do intangível advindo da Metafísica tradicional ao qual ele faz toda uma crítica em *Sein und Zeit*. Ser-no-mundo significa transcendê-lo na perspectiva de possibilidades, uma delas, a da técnica que constitui-se como dispositivo de transformação da natureza em cultura, isso sim a transcendência do ser. Infinito em Heidegger (tema desenvolvido admiravelmente por Lévinas) está implícito, como possibilidade de *ser-lançando* no mundo, no encontro com o ser-a-mão, na lida, no fazer cotidiano, na *techné*, isto na arte, onde o sujeito *sujeita-se* ao objeto na condição de objetivá-lo e ambos se completam em inteligibilidade.

Heidegger não está preocupado com a finitude e condicionamentos. Aí estende-se a nossa discussão para o tema *ser-para-a-morte* que não cabe aqui. A finitude e condicionamento, duas questões inseparáveis que dão sentido a urgência do *Dasein*, como “decisão”, “escolha” (*Entschlossenheit*) dos rumos que se quer dar para si em face da angustia kierkegaardiana do mundo em sua finitude e condições, são dois fortes aspectos da lida, do fazer artístico. Como fator ontológico da existência do *Dasein* a arte é um itinerário de abertura para o *ser-da-vida* como liames de inteligibilidade do ser com os entes em geral.

O ofício da arte é reconhecido por Heidegger (ao fazer inferência em *Sein und Zeit*) pelo que ele chama de lida, como a primeira incursão do Dasein no mundo, construindo para si sua própria transcendência das condições de limitação do próprio mundo natural sobre o homem. O fazer artístico é a práxis da *alétheia* como primado de todo encontro ontológico

possível do ser consigo mesmo e com o mundo, no qual está lançado - é a Lida. Portanto, esse fazer seja talvez o primeiro contato, do sujeito com o objeto, como interação pautada nas dimensões da intuição, da afetividade, da empatia, da diferença, em *autopoiesis*, anteriores à linguagem formal da palavra enquanto representação, interpretação e reprodução.

## REFERÊNCIAS

- Amâncio, W. (2014). *Contributions to the Ontology of Language - the conditions for co-authoring and possibilities of meaning*. 2. ed. Saarbrücke: LAMBERT Academic Publishing.
- Figal, G. (2000). *Martin Heidegger: Phänomenologie der Freiheit*. Weinheim, Beltz Athenäum Verlag.
- Franck, D. (1986). *Heidegger et le problème de l'espace*. Paris, Les Éditions du Minuit,.
- Guignon, C. B. (1983). *Heidegger and the Problem of Knowledge*. Indianapolis, Hackett Publishing Company.
- Heidegger, M. (1985). *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles. Einführung in die phänomenologische Forschung*. [WS 1921-1922]. Gesamtausgabe Bd. 61. Ed. W. Bröcker & K. Bröcker-Oltmanns. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann.
- Heidegger, M. (1862). *Being and Time*. Harper & Row Publishers: London, 1862.
- Heidegger, M. (2001) *Sein und Zeit. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamtausgabe durchgesehenen Auflage*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Heidegger, M. (2006). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, Universidade São Francisco.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Tradução Fausto Castilho. Edição Bilingue. Editora Vozes.
- Heinz, M. (1982). *Zeitlichkeit und Temporalität: Die Konstitution der Existenz und die Grundlegung einer temporalen Ontologie im Frühwerk Martin Heideggers*. Amsterdam, Rodopi.
- Marques, Juracy. *Ecologia da Alma*. Petrolina: Ed. Franciscana, 2012
- Tugendhat, E. (1958). *TI KATA TINOS. Eine Untersuchung zur Struktur und Ursprung aristolelischer Grundbegriffe*. Fribourg/Munich: Verlag Karl Alber.

Enviado em: 23/06/2014

Aceito em: 06/08/2014

## SOBRE O AUTOR

**Wellington Amâncio da Silva**. Licenciado em Pedagogia (2013), com habilitação em Docência e Gestão de Processos Educativos, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Especialista em Ensino

de Filosofia (2014) - UCAM. Especialização em andamento em Mídia e Educação - UFAL. Mestrando em Ecologia Humana (UNEB/PPGEcoH), com pesquisa em grupos quilombolas. Está vinculado ao Núcleo de Estudos em Povos e Comunidades Tradicionais e Ações Socioambientais (NECTAS/UNEB). Desenvolve estudos em Filosofia da Linguagem (Dilthey, Heidegger, Wittgenstein, Derrida), Discurso e poder (Foucault), Fenomenologia da Geografia (Dardel, Tuan, Relph, Husserl, Bachelard) e Etnometodologia (Garfinkel).